

## **Estrela vermelha**

Diário de Moscovo

Pedro Rosa Mendes

### **Dia 0, 12/04**

Declaração de interesse: a Guiné-Bissau produziu o único movimento de libertação que derrotou Portugal no teatro de guerra antes de 1974 e não, em boa verdade, à mesa dos Acordos de Alvor ou, de alguma forma, no terreno aberto pelo 25 de Abril. Não estou a lembrar-me de outra força de insurreição em África que, como o PAIGC, tenha derrotado desta maneira um exército colonial na vaga anti-imperialista que varreu o continente entre os anos 50 e 80 do século passado. Pelo contrário, abundam os casos de potências europeias que obtiveram vitória militar contra os «seus» independentistas mas que, vergadas a derrotas morais, se retiraram das suas colónias; reveja-se a lição de «A Batalha de Argel», de Gillo Pontecorvo. A Guiné-Bissau é, por outro lado, a mãe africana da democracia portuguesa. O PAIGC foi, ou funcionou como, a resistência armada interna ao Estado Novo que a sociedade portuguesa não conseguiu – não quis? – produzir. Historiograficamente falando, na coluna de Salgueiro Maia «iam» também as armas e os barões assinalados de 2.069 mortos de Portugal, caídos durante a guerra colonial nas matas da Guiné.

Sobram portanto razões para que Portugal olhe, olhasse, com outro respeito para a Guiné-Bissau. Todavia, a Guiné é hoje lamentada como um país à beira do Estado falhado, pelos mesmos que, em Lisboa, protagonizaram falhas de Estado gravíssimas na relação com esta e outras antigas colónias. É importante recordar que o Portugal democrático falhou à Guiné independente tanto como o Portugal salazarista falhou à «Guiné Portuguesa». Portugal, que matou e deixou matar o fundador do PAIGC, afadigou--se depois – com os pêsames da carpideira - em legitimar interlocutores que, de Amílcar, quase só tinham o Cabral ou a invocação de seu nome em vão. («Cabral ka mori», Cabral não morreu, o Pai-Nosso-que-Estais-traído da Guiné independente). Após 1975, Portugal engoliu sucessivamente o massacre dos comandos africanos (evitou-se uma UNITA guineense, dizem...); o golpe de João Bernardo «Nino» Vieira em 1980 e a purga étnica de um sonho binacional; o processo brutal de Paulo Correia e da liderança balanta em 1985; a violência política nos anos 80 e 90 como perpétuo programa de governo; a corrupção bilateral vendida como interesses nacionais e ajuda ao desenvolvimento; e a fatalidade de ter homens sem grandeza como interlocutores dos grandes momentos. Talvez por isso, em Portugal, esquerda e direita continuam a preferir esgrimir velhas «culpas» imperiais, afinal menos incómodas do que as responsabilidades no presente: Lisboa, a coberto do respeito pelas «autoridades soberanas», silenciou ou caucionou um grupo politicamente inimputável que, em Bissau, continua a tratar o país como se ainda estivesse no Congresso de Cassacá, em 1964.

(Hipótese de trabalho: e se o PAIGC não tiver encerrado os trabalhos do I Congresso?)

(Segunda hipótese: e se Amílcar tivesse começado a morrer em Cassacá?)

### **Dia 1, 13/04**

Estou a fazer a mala, em Paris, a poucas horas de viajar, quando chegam notícias de (mais) um golpe na Guiné. O primeiro-ministro e candidato presidencial, Carlos Gomes Júnior «Cadôgo», e o chefe de Estado interino, Raimundo Pereira, estão em parte incerta. Há tiros nas ruas de Bissau. Pelo Skype, irrompe o jornal possível dos acontecimentos,

[13-04-2012 00:06:12] estás a ver Bissau?

[00:15:33] basicamente os militares tomaram o aeroporto, cortaram as estradas, bombardearam a casa do Cadôgo, cercaram as embaixadas e cortaram a energia do hospital Simão Mendes

[00:15:47] dizem que o Cadôgo e o Raimundo ainda estão vivos, não se sabe onde nem nas mãos de quem

Há duas décadas – desde 1994, ano da minha primeira reportagem na Guiné e em África – que procuro entender a Guiné-Bissau e a sua densidade política, étnica e cultural. Em várias ocasiões fiz a mochila correndo para Bissau ou lá perto, como aconteceu após o levantamento militar de 7 de Junho de 1998 e, de novo, na violação do cessar-fogo em Janeiro de 1999. Agora, o último golpe em Bissau apanha-me de saída para Moscovo, numa primeira viagem à Rússia à procura de mais um pouco da verdade da... Guiné. Não já a verdade jornalística mas, talvez, umas linhas de verdade histórica arrancadas aos arquivos da Federação Russa.

### **Dia 2, 14/04**

Foi o antigo Bloco Comunista, incluindo vários países que já não existem – União Soviética, Checoslováquia, Alemanha Democrática, Jugoslávia –, além da China e de Cuba, que treinou e armou o PAIGC, proporcionando ao movimento guineense as condições práticas da sua consistência militar. Quando se deu o 25 de Abril, o PAIGC estava prestes a dispor da sua própria Força Aérea – os pilotos já estavam treinados. Após a independência guineense, o Bloco Comunista garantiu também a formação dos quadros que estruturaram o sector de segurança, tanto nas Forças Armadas como na Segurança de Estado (um caso interessante, sob a direcção de António Buscardini, ele próprio formado na Checoslováquia nos anos 60; foi morto em 1980). Dito de outro modo: neste pequeno país, a uma escala quase laboratorial, a cooperação Leste-Sul foi constitutiva dos quadros e dos modelos operativos dos ministérios da Defesa, do Interior e da Justiça. Muitos desses homens e mulheres continuam «lá», embora

a opacidade das suas funções contribua para a invisibilidade do seu papel e o relativo anonimato das suas vidas. Não vêm nos livros de História da Guiné nem de História de Portugal, menos ainda nos de História da União Soviética ou da Guerra Fria ou da Libertação Africana – mas foram protagonistas de todas elas.

A queda do Muro de Berlim, o fim da guerra fria e a liofilização liberal-capitalista dos antigos países de orientação socialista determinaram o rápido esquecimento da matriz soviética destas elites africanas. É uma geração, no entanto, que marca uma descontextualização interessante no fio narrativo lusófono. São africanos que estudaram anos seguidos em Russo ou em Checo, antes mesmo, para muitos deles, de aprenderem o Português. Tenho conhecido muitos, e não apenas na Guiné-Bissau, que revelam uma estranha herança de «russofonia», porque a sua experiência da cultura europeia e ocidental foi mediada por Pushkin, Tolstoi, Dostoievsky ou Gorki, por Eisenstein, Tarkovsky ou Kalatozov e pela mitologia de Pedro, O Grande, de Ivan O Terrível ou de... Lenine. Outro traço é a nostalgia difusamente eslavónica de quem, à luz da grande crise mundial, comenta hoje que «Estaline estava errado mas Lenine tinha razão». Chamemos-lhe Neomarxismo porque, em relação a estes veteranos, falar de Alter-mundialismo é um pouco como evocar Manu Chao no fim de um concerto de Amadou e Mariam.

De resto, conheci até pessoalmente vários Vladimir Ilitch na Guiné, Angola e Moçambique, testemunhando o fervor ideológico dos seus pais. (Mas conheci apenas um jovem Brejnev, no Huambo).

Moscovo não fica, portanto, muito longe de Bissau. Fica no caminho, embora, nesse caminho, a capital dos Sovietes fique para trás. Digamos assim: em jornalismo, a rota mais directa para a actualidade guineense é um voo Lisboa-Bissau. Em história, tudo leva mais tempo porque tudo *tem* mais tempo. As rotas são diacrónicas e retrospectivas, por vezes revisionistas, transportam-nos não para o que está acontecendo mas para o que não se sabe que ou como aconteceu. Em 2012, é preciso ir a Moscovo, onde estão os arquivos soviéticos, para chegar a Conacri e a Boké em 1961, a Tite em 1963, a Madina do Boé em 1973 e, enfim, entrar em Bissau com os guerrilheiros do PAIGC, em 1975. Na medida, claro, em que os arquivos estejam autorizados a falar connosco – ou a falar de todo.

O eixo Moscovo-Bissau é um bom tema para um mestrado em História, ou assim espero: foi o que escolhi quando, em 2010, voltei à universidade. É como estudante da micro-Guiné que aterro na mega-Moscovo.

### **Dia 3, 15/04**

Consegui o milagre de um quarto no «edifício habitado mais antigo de Moscovo, monumento nacional», diz uma das inquilinas e minha senhoria ocasional, «esta casa foi construída no século XVII». Deve ser verdade porque, nesta tarde de fim-de-semana, passam

turistas que fotografam a ruína. «Várias excursões passam por aqui, entre a Praça Vermelha e as alamedas». Tento imaginar um pouco da grandeza do czar Piotr Alexeyevich Romanov (1672-1725) nesta parte de Moscovo para encaixar a primeira impressão desta construção que aparenta derrocada iminente. Do lado de fora, parece abandonada: as paredes de tijolo não têm reboco, nem todas as janelas têm vidro e nem todos os vidros estão inteiros (e nem todos os «vidros» são de vidro, há alguns de plástico ou entaipados). As escadas interiores, de madeira, estão inclinadas no eixo oeste- leste, assim como o patamar, como o tombadilho de um barco suspenso a meio-pêndulo, de forma que se sobe cada degrau até ao segundo andar num esforço embriagado. Mas o interior do apartamento é confortável e tem o essencial: aquecimento e isolamento com garantia para resistirem a muitos graus negativos. «Só falta o frigorífico, que avariou». Como fazem então? «Avariou no início do Inverno, por isso temos posto as coisas no parapeito da cozinha, com a janela entreaberta. Congelam na mesma...» A meio de Abril, ainda há neve e o lago do Mosteiro da Virgem Nova, junto ao Arquivo de Estado da Rússia (GARF), ainda está gelado. Mas uma semana depois já será Verão em Moscovo. O que importa, porém, nesta cidade gigantesca, é a localização: a casa decrépita, ilha zelosamente guardada por um arménio admirador de Estaline, fica a dois passos de Lubyanka. Motivos de interesse ao virar da esquina: o Museu Maiakosvky e a sede do FSB, antigo KGB. Não foi de propósito – nem o Futurismo nem os espões.

#### **Dia 4, 16/04**

Há também Aleksandr Sergeevich Pushkin (1799-1837) três casas ao lado da minha, uma construção no mesmo estilo mas rebocada de novo. A casa tem uma placa alusiva e um brasão com um baixo-relevo mostrando o perfil inconfundível do herói das letras russas. «Aqui Pushkin fez a primeira leitura de *Boris Godunov*» (*Um Drama em Verso*). Passo diariamente por este Pushkin, ao sair e ao voltar dos arquivos, o que finalmente tem um sentido elíptico na minha demanda guineense. Os combatentes do PAIGC foram os primeiros dos movimentos de libertação lusófonos a receber treino militar na União Soviética mas não inauguraram a intercepção de heróis africanos na história militar russa.

«A Rússia é o único país não-africano onde o descendente de um originário da África Central é considerado como o maior poeta e pensador nacional num dos livros que trouxe na bagagem, uma obra colectiva sobre os africanos na Europa. Leonid Arinshtein, o autor do artigo, explica que essa história fantástica foi possível evidentemente pelo talento de Pushkin mas também pela natureza particular do desenvolvimento da Rússia na civilização europeia. «Contrariamente á Europa Ocidental, que se alimentou sobretudo da cultura romana antiga, a Rússia integrou-se no espaço civilizacional europeu por intermédio do Império do Oriente, Bizâncio, precisamente por intermédio da Grécia. É esse justamente o factor decisivo na formação religiosa, cultural e estatal a um tempo da Rússia como da Europa Ocidental, a saber o Catolicismo e o Protestantismo no Ocidente ao passo que a Rússia e os Estados eslavos vizinhos abraçaram a Ortodoxia». Para este especialista, «o Cristianismo Oriental - a Ortodoxia - distinguia-se em grande medida do Catolicismo europeu pela sua tolerância

religiosa que tendia para um conjunto interétnico contrariamente a uma Europa Ocidental germanizada».

A Rússia teve contacto com África relativamente tarde, o que, para alguns historiadores (incluindo alguns africanos), explica que, quando os primeiros africanos chegaram ao país, na época de Pedro I, O Grande, o seu destino dependia, sobretudo, das suas capacidades pessoais. Na Europa Ocidental, pelo contrário, o tráfico negreiro criou desde o século XV uma concepção dos africanos como casta ou raça inferior. Se esta análise for correcta, ajuda decerto a compreender o destino fabuloso de Abraham Hanibal – o bisavô de Pushkin. Nascido numa família nobre de um reino da região do Lago Chade, raptado por traficantes de escravos, comprado em Istambul pelo embaixador da Rússia aos sete-oito anos de idade e enviado clandestinamente para Moscovo, Abraham Hanibal distinguiu-se, ainda em adolescente, por feitos militares na Guerra do Norte contra os suecos, deu provas de capacidades excepcionais em engenharia e em artes militares e tornou-se um amigo pessoal do czar. Chegou à patente de general do Exército russo, octogenário, no final de uma carreira brilhante.

#### **Dia 5, 17/04**

O GARF (Arquivo Estatal da Federação Russa) é uma fortaleza de dezena e meio de edifícios na parte Sudoeste de Moscovo – e este complexo é apenas um de entre cerca de duas dezenas de arquivos públicos russos referentes a diferentes períodos e diferentes instituições, departamentos, dirigentes, movimentos e organizações da Rússia imperial, da URSS e da Rússia pós-soviética. O primeiro lado assustador desta impenetrável constelação de arquivos é que um investigador pode passar semanas, ou até meses, a tentar identificar os fundos pertinentes *antes* de começar a procurar seja o que for e antes de saber *o que* procurar. Um dos fundos que me interessa no GARF é o do Conselho de Ministros da URSS após 1953, onde deverão estar decisões referentes aos novos países africanos, até talvez algo relacionado com os movimentos de libertação, ou, ainda com mais sorte, com a Guiné-Bissau, «mas não conte muito com isso», tinham-me avisado os professores em Paris, «a Guiné não é um país muito grande...»

Sou portador de um embrulho (chocolates!) enviado de Paris por uma antiga funcionária dos arquivos russos. O primeiro dia pareceu-me lento e burocrático mas Serguei corrige-me. «O que avançámos hoje demora normalmente vários dias». Os chocolates fizeram milagres, então. «Aqui não há milagres», corrige de novo Serguei. «É mais pertinente falar do trabalho social dos chocolates. Os chocolates trabalharam por ti e agora, pela arquivista, trabalham os subalternos». É forçoso também assinalar a organização e eficiência dos arquivos. Ao segundo dia, sou enviado a um colega noutra gabinete, noutra edifício do GARF, para fazer uma pesquisa interna na base de dados. No computador vejo pela primeira vez aparecer a palavra mágica, no sítio onde o arquivista põe o indicador no ecrã, Гвинея Бисау. «Guiné-

Bissau». Peço também uma pesquisa por «Кабо Верде». Sobre Amílcar Cabral, pelo contrário, «não aparece nada».

#### **Dia 7, 19/04**

O meu amigo Braima Sambô contou-me há anos, em Bissau, que

«Amílcar Cabral viu-me pela primeira vez quando eu tinha três anos. Ele veio à nossa tabanca, Ganduá, na região de Catió, durante os primeiros recrutamentos do PAIGC para a luta. O meu pai, Bacar Sambô, era o ‘homem-grande’ de Ganduá, o chefe de tabanca. E era um ‘mouro’ - um chefe religioso - muito respeitado. Quando me viu, Amílcar pediu ao meu pai

- Deixa-me levar o teu filho,

e ele,

- É a mãe que decide, é a mãe a responsável pelo rapaz.

Nesse tempo, os biafadas não davam facilmente uma criança para ser educada fora. A minha mãe, Mariama Dabó, respondeu

- Leva antes o irmão,

mas Cabral insistiu em mim. Sem sucesso. Por causa disso, porém, a minha mãe mandou-me para a tabanca de Daruda, um centro espiritual, para a escola de Seco Na Baio, de ascendência mandinga. Fui entregue a ele para estudar o Corão. Dois anos depois, Cabral voltou a encontrar a minha mãe (que se tornou militante e combatente do PAIGC). Perguntou-lhe por mim. Passou então em Daruda e foi ter com o velho Seco Na Baio.

- Dás-me o rapaz?

- Leva-o.

Quando a minha mãe soube, ficou zangada com o velho.

- Porque entregaste o menino?!

- Não te preocupes com ele. Esse rapaz vai ser bom de qualquer maneira, sendo ‘marabu’ ou estudando na escola dos brancos.

Fui para Boké, na República da Guiné, em 1963, ainda antes da instalação da Escola Piloto do PAIGC. Tinha cinco anos.»

#### **Dia 8, 20/04**

Serguei traduz-me o que acho pertinente nos arquivos. Por vezes, o inverso também se impõe. Hoje, mostrei-lhe o site guerracolonial.org e traduzi-lhe em francês, à mesa de um café, a história concisa do ocaso português. O miolo é um parágrafo no capítulo «O inferno».

«No início de 1973, o ano decisivo da guerra na Guiné, o Comando-Chefe contava assim com forças de modo geral mal preparadas, mal equipadas e mal comandadas, que se procuravam defender nos seus aquartelamentos e, como unidades de manobra e de reserva, dispunha apenas das tropas especiais: um batalhão de pára-quedistas com três companhias, um batalhão de comandos com cinco companhias, sendo três delas africanas, e cinco destacamentos de fuzileiros especiais, dois deles também africanos. É neste pano de fundo que os mísseis Strella começam a abater aviões a hélice e a reacção, provocando sérias limitações ao emprego dos meios aéreos e ao seu apoio às forças de superfície».

### **Dia 9, 21/04**

Max e Andrey esperam-me diante do Mausoléu de Lenine. A Praça Vermelha está agitada com pequenas capelinhas de «Vermelhos», «Branços» e «Religiosos» - respectivamente, comunistas, opositoristas e ortodoxos, num sábado em que essas três sensibilidades convocaram manifestações para junto do Kremlin. «Pode haver faísca», avisa Andrey. Há também, em grande número, o grupo visível que se poderia chamar de «Azuis» - as diferentes unidades das forças de segurança omnipresentes na cidade, nas praças e estações de metro. Max traz uma pequena fita branca atada num pulso, o «uniforme» dos que se opõem à nomeação de Vladimir Putin, ainda primeiro-ministro, para um terceiro mandato como Presidente da República, e que de novo, hoje, convocaram uma manifestação contra eleições que consideram fraudulentas.

O Mausoléu de Lenine é mais humilde do que parece nas fotografias da Praça Vermelha. Dois soldados montam guarda de honra. Um septuagenário (ou mais) avança com uma coroa de flores e um dos guardas abre a corrente que separa a multidão da entrada do mausoléu. O velho põe com cuidado a coroa junto de outras, em memória de Vladimir Ilitch, e recua sem virar as costas ao mausoléu. Por um instante, os turistas suspendem a gritaria e os risos e o momento parece quase oficial, quase solene, mas de súbito uma mulher, nas nossas costas, ataca verbalmente Max com uma rajada de insultos,

«Tu vens de onde? És russo?»

e na segunda ofensiva

«O que acontecia se eu fosse fumar para a porta da sinagoga? Também gostavas?»

e finalmente

«Isto é tudo culpa dos que governam hoje. No tempo soviético não havia esta falta de respeito».

Enquanto a mulher grita com Max, por vagas sucessivas - afasta-se e volta ao ataque depois de fazer um pequeno círculo atrás de nós -, o homem da coroa de flores, indiferente à discussão, dedilha alguma coisa no telemóvel. Começa a ouvir-se «A Internacional». Quando o hino acaba, a discussão e acaba: o casal de idosos deixa-nos em paz.

Max acende outro cigarro. Não perdeu o sorriso nem a calma durante todo o ataque. Eu não sei se teria tanta flema.

«Não foi grande coisa», explica Andrey, «a mulher não atacou o Max. Se ela lhe tivesse tocado com um dedo, seria considerado violência física. Assim, foi só um insulto».

Pouco depois, à mesa de um restaurante georgiano, Andrey procura contextualizar melhor a diferença entre violência e insulto. Nos anos 80, inventou um jogo vídeo muito simples, com estética e programação de *PacMan*, «um jogo de 8 bits feito num computador Z80 monocromo». O jogo passava-se no Mausoléu de Lenine, precisamente. «Havia uma fila de visitantes e o jogador tinha que evoluir em várias salas, desde a entrada à sala onde está a múmia de Lenine. Para passar de uma sala para outra, tinha que acumular pontos, e os pontos conseguiam-se com peidos. Em cada sala, havia sensores de peidos. A habilidade era o jogar ‘peidar-se’ quando aparecia a indicação de que o sensor estava em pausa». E o que acontecia ao jogador se o sensor estivesse ligado quando ele faltasse ao respeito a Vladimir Ilitch? «Era apanhado por uns homenzinhos chamados KGB que estavam em cada sala».

### **Dia 13, 25/04**

Dia da Revolução.

«25 Setembro 1973, TASS, Conacri. Entrevista de Aristides Pereira sobre a Declaração da Independência da Guiné-Bissau».

Por uma questão de economia de tempo, Serguei traduz em simultâneo – e em surdina, para não incomodar os vizinhos de secretária no pequeno gabinete – para o meu gravador mp3 os documentos mais importantes.

«Os nossos pensamentos vão para os nossos amigos soviéticos que nos ajudaram constantemente sem retribuição e que nos permitiram realizar a luta e concretizar o sonho de Amílcar Cabral».

Serguei, que confessou ter ouvido pela primeira vez o nome da Guiné-Bissau quando nos encontramos no GARF para o primeiro dia de pesquisa, familiariza-se dia a dia com outros nomes novos, até os organizar mentalmente em prateleiras (por exemplo, «os Cabrais»,

Amílcar, Luís, Fernando e Ana Maria) e compreender que a história recente do seu país interceptou de mil formas outras vidas de que ele nunca tinha ouvido falar, Spínola, Aristides, Vieira, Pires, Salazar, Caetano, Cunhal...

«Luís Cabral sublinhou o mesmo que Aristides Pereira, em particular lembrou as relações de amizade entre a Guiné-Bissau e a URSS, que pretende desenvolver. O povo da Guiné-Bissau estima grandemente a ajuda soviética contra os colonizadores portugueses».

Os despachos da TASS estão organizados em volumes, por anos e colecções, neste caso as que se referem a Portugal e às suas colónias. Preciosismo relevante: nos arquivos soviéticos, a Guiné-Bissau aparece sob o índice «Portugal» até Setembro de 1973; a partir de aí autonomiza-se como referência autónoma consultável sob «Guiné-Bissau» - conforme ao reconhecimento diplomático imediato do novo Estado pela URSS.

«26 Setembro 1973, TASS, Conacri. (...) A independência tem grande significado político e moral para o desenvolvimento dos movimentos armados noutras colónias sob controlo de Lisboa. Mesmo o terrorismo fantástico e desumano que os portugueses mandam sobre as cabeças dos africanos será derrotado. A Declaração constitui também uma derrota política e moral para os aliados de Portugal na NATO».

»26 Setembro 1973, AFP, Nova Iorque. Para Portugal, a Declaração de Independência da Guiné-Bissau é um acto de propaganda (...) É uma declaração desprovida de bases jurídicas e morais e não reflecte as condições nesta província de Portugal».

#### **Dia 14, 26/04**

Em meados dos anos 80, cerca de 90 milhões de pessoas, quase um terço da população soviética, tinha entre 15 e 34 anos – pertencendo à última geração soviética. A filóloga russa Marina Kniazeva refere-se a eles como «os filhos da estagnação» que, ao contrário das gerações anteriores e posteriores, não tinham um «acontecimento inaugural» em torno do qual organizar um sentimento de pertença ou partilha de grupo. A identidade da geração mais velha organizara-se em torno de acontecimentos como a revolução bolchevique, a Grande Guerra Patriótica, a denúncia de Estaline; a identidade da geração mais recente organizou-se em torno do colapso da URSS. No meio, contudo, a identidade da última geração soviética – a geração dos meus amigos Andrey e Max – foi, segundo Alexei Yurchak, definida pela experiência comum do discurso oficial normalizado, ubíquo e imutável dos anos Brejnev.

«Uma das contradições centrais do socialismo é uma versão daquilo a que Claude Lefort chamou o paradoxo genérico da ideologia da modernidade: a oposição entre a *enunciação ideológica* (que reflecte os ideais teóricos do Iluminismo) e a *ordem ideológica* (expressa nas preocupações práticas de autoridade política do Estado moderno)», explica Yurchak em «Everything Was Forever, Untill It Was No More», um dos livros que tenho na

bagagem (universidade *oblige*). O «Paradoxo de Lefort» só pode ser superado com o recurso a uma figura exterior, um «mestre» que, por ser representado no exterior do discurso ideológico e possuindo um conhecimento exterior da verdade objectiva, temporariamente esconde a contradição. Por outras palavras, o discurso ideológico moderno, baseado nos ideais utópicos do Iluminismo, bebe a sua legitimidade numa posição imaginária que lhe é externa e sofrerá uma crise de legitimidade se essa posição imaginária for destruída ou questionada.

Para Yurchak, Estaline foi, até à sua morte em 1953, este «editor» externo – a única entidade que, externa aos ideais da revolução, podia dizer o que estava e o que não estava de acordo com o Marxismo-Leninismo. «Esta posição *exterior* possibilitou a produção e circulação de um metadiscurso público sobre todas as formas de expressão política, científica e artística que as avaliava em termos de rigor e fiabilidade contra um cânone *externo* – o dogma Marxista-Leninista». A discussão pública da Constituição de 1936 foi um desses momentos. Todos os líderes soviéticos – incluindo Estaline – tinham que referenciar a sua autoridade a Lenine («bom aluno de Lenine», «fiel marxista-leninista», «sucessor escolhido de Lenine», etc.) Esta última foi a base do esquema de legitimação de Estaline, que se apresentou como o sucessor de Vladimir Ilitch – escondendo a «Carta ao Congresso» na qual, pouco antes da sua morte em 1924, Lenine avisava o partido contra a ascensão de Estaline). Foi a posição de «mestre» exterior ao discurso da utopia que fundou tudo aquilo que viria a definir o Estalinismo: o imenso poder, o culto da personalidade, o envolvimento pessoal na edição de discursos políticos, textos científicos, filmes e composições musicais, as purgas nas estruturas do Partido e o Grande Terror em 1937.

A denúncia do Estalinismo encetada por Krustchev nos anos 50 foi feita em nome do «último significante» do socialismo: Lenine. O corpo de Estaline foi retirado do Mausoléu de Lenine e sepultado no chão e as suas estátuas foram removidas (há várias, quase amontoadas num parque de Moscovo), assim como tudo o que tinha o seu nome recebeu toponímia nova. «Foi só quando Lenine foi fragilizado como último referente, no final dos anos 80, que o sistema socialista soviético entrou rapidamente em colapso». Como se chegou a isso? Pela «deriva performativa» do discurso oficial, diz ainda o antropólogo russo: a substância do que era dito perdeu terreno para a *forma* do que se dizia. O discurso oficial tornou-se hipernormalizado, feito de fórmulas e citações de citações, refém de uma repetição retórica e circularidade narrativa e com um repertório extremamente reduzido ao nível da sintaxe, semântica, morfologia, léxico e estrutura. Toda a declaração tornou-se a transmissão de uma declaração anterior. Segundo Yurchak, a dimensão «performativa» do discurso oficial criou espaço para «novos e imprevisíveis sentidos, aspectos da vida quotidiana interesses e actividades». Essas novas identidades e formas de vida eram possibilitadas pelo sistema socialista – mas já não determinadas por ele. Por isso, a última geração soviética recebeu o fim da URSS sem choque: já estava preparada para o colapso.

## **Dia 19, 1/05**

Ainda feriado, depois da «ponte». Péssimo para o trabalho nos arquivos – tenho que esperar nove dias para aceder aos documentos que pedi no RGANI (Arquivo Estatal Russo de História Contemporânea). Amigos moscovitas acompanham-me na demasiado famosa Rua Arbat (está soterrada no *kitch* turístico) e em seguida, para indemnização espiritual, caminhamos a magnífica Alameda de Tver, parando na estátua do poeta Essenine (1895-1925). Por coerência, a tarde acabou no Museu Maiakovsky.

Um dos lados mais entusiasmantes da revolução de 1917 foi a explosão criativa e conceptual de experiências com a linguagem – até os bolcheviques atalharem o processo em nome do discurso oficial. «Não somos apenas criadores de uma nova linguagem poética, somos criadores também de um novo sentimento de vida», escreveram os membros do movimento OBERIU (Associação de Arte Real). Os poetas Futuristas russos trabalharam numa nova «linguagem transracional» (*zaumnyi iazyk*) criando novas palavras, neologismos e estruturas gramaticais que rompiam as regras da linguagem comum. Na sociedade do futuro, a linguagem transracional substituiria todas as outras linguagens existentes. «O objectivo é criar uma linguagem escrita comum partilhada por todos os povos deste terceiro satélite do Sol, inventar símbolos escritos que possam ser entendidos e aceites por toda a nossa estrela, povoada que está por seres humanos e perdida aqui no universo», explicava, em 1919, o poeta Velimir Khlebnikov (1885-1922), a quem os amigos chamavam o Presidente do Planeta Terra.

Num café, depois do GARF, mostro a Serguei a digitalização de uma página com um alfabeto de letras inventadas, desenhadas à mão.

«Algumas parecem evoluções do cirílico. Outras lembram o alfabeto georgiano. Ou línguas do Cáucaso. É bem estranho, esse Futurismo».

É bem estranho: é um alfabeto produzido no seio do movimento Yang-Yang, nos anos 80, algures no Sul da Guiné-Bissau, como a escrita de uma sociedade limpa e justa. O movimento foi desbandado, contaram-me em Bissau, pelas autoridades.

Lenine foi bastante explícito logo após a revolução, numa carta à activista alemã Klara Tzetkin (1857-1933), sua amiga, onde explicava que os bolcheviques não podem assistir ao desenrolar caótico do «processo cultural»: devem, pelo contrário, «esforçar-se de consciência perfeita por controlar todo o processo de modo a formar e definir os seus resultados».

## **Dia 20, 2/05**

O filósofo e orientalista francês oitocentista Ernest Renan escreveu que «o erro histórico é um factor crucial na criação de uma nação, razão pela qual o avanço dos estudos históricos constitui com frequência um perigo para a nacionalidade».

Hoje, à rede de pesquisa guineense, veio um espécime documental angolano: um conjunto de quatro documentos soviéticos, do Comité Central do PCUS, do final de Dezembro de 1973 e início de Janeiro de 1974, analisando a situação «inquietante» no seio da direcção do MPLA, os riscos da luta de libertação e a forma como Agostinho Neto lidou com as críticas de Daniel Chipenda. Na origem da grande crise esteve a exigência de Chipenda de maior representatividade étnica na cúpula do movimento. No dossier do RGANI, o documento mais importante é relatório preparado para o Comité Central do PCUS pelo general Vladimir Kulikov, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas da URSS. É possível ler o essencial desta fonte em «Angola, O Princípio do Fim da União Soviética», o livro de referência de José Milhazes sobre o envolvimento de Moscovo no conflito angolano. Sigo aqui, no entanto, a tradução que obtive a partir do original que consultei no RGANI.

Nesse relatório, e nas instruções preparadas para o embaixador soviético em Lusaca, Agostinho Neto é criticado pelos seus «métodos autoritários» e «autocráticos» e por «ignorar a questão nacional na formação dos órgãos directivos» do MPLA. Neto é explicitamente acusado de «matar cinco activistas entre os mais activos dos seus inimigos». Chipenda, que Agostinho Neto «acusou de participar num *complot*, foi demitido. Só a intervenção das autoridades da Zâmbia impediu Agostinho Neto de o matar» (*sic*).

Moscovo assinala que as acções do líder do MPLA «provocaram o descontentamento dos combatentes de Chipenda» mas em tréplica Neto «suspendeu o fornecimento de munições» a toda a frente Leste, pelo que pararam as acções militares». Pior: sem abastecimentos vitais, controlados por Neto, milhares de combatentes sob o comando de Chipenda tiveram que retirar para a Zâmbia. «Portugal recuperou o controlo de zonas anteriormente libertadas e mandou forças de punição de Angola para a Guiné-Bissau», constata o general Kulikov. Mais ainda: a redução de cinco para três mil combatentes do MPLA no Leste «aproveitou ao renascimento da FNLA, baseada no Zaire, e cuja direcção de Holden Roberto é alinhada com o Ocidente».

Leitura de Serguei após analisarmos todo o dossier: «Ou seja, por causa desse tal Neto, Amílcar teve que encaixar um recrudescimento dos ‘portugueses colonialistas imperialistas’ na Guiné nos últimos tempos de vida». Leitura fria. Leitura correcta, suponho.

### **Dia 21, 3/05**

Com a ajuda de Braima Sambô, encontro em Moscovo o guineense Gilmário Sequeira (n.1959). Ex-oficial, médico e empresário, Gilmário foi colega de Braima na Escola Piloto em Conacri e foi com ele para Cuba no mesmo grupo de uma dezena de crianças escolhidas a dedo por Amílcar Cabral. Percurso no país de Fidel: Internato Los Mambices, Escola Secundária Alfredo Ramírez, Escola de Cadetes Camilo Cienfuegos e Academia Militar.

Jogaram basquete com Fidel Castro e foram colegas dos filhos de Che e de Raúl. E fizeram o serviço militar cubano.

Gilmário, Braima e outros dez foram os primeiros oficiais superiores guineenses a regressar a Bissau em 1979, «pouco antes de outros três formados aqui em Moscovo, na Academia Frunze». Como ouvi de outros oficiais da geração de 70 que tenho entrevistado no âmbito do mestrado, havia uma reticência dos veteranos da luta em receber os «jovens turcos». Gilmário resume bem a equação: «A diferença com ‘Nino’ e os outros era de formação, não era outra. Estávamos longe de imaginar o golpe. Sabíamos que havia divergências mas acreditávamos que se iam resolver no seio do Partido. A nós, vindos de Cuba ou de Moscovo, não queriam receber-nos, por medo de que um dia tomássemos o lugar deles. Não era maldade, era ciúme».

Por ciúme, ele e outros oficiais de talento, como Braima – os mais capazes da sua criação - estiveram menos de dois anos em Bissau antes de ser reenviados para novas formações na URSS. Gilmário fez Medicina, especialidade de dermatologia. Mais tarde tentou o mundo dos negócios. Continua em Moscovo.

Um ensinamento a reter deste homem que, no interregno entre Cuba e URSS, foi director do Departamento de Ideologia das Forças Armadas guineenses: «É preciso ter uma ideologia qualquer. Ou acreditar em Deus. É preciso ter medo de algo ou alguém».

### **Dia 23, 5/05**

Na alameda de Cistyí Prud, ao fim do dia, grupos de jovens piquenicam à beira-lago. Alguém toca um acordeão e os outros cantam «Den Pobedy» (Dia da Victória). É um apócrifo dos anos 70 mas tornou-se o hino mais conhecido à glorificação do Exército Vermelho. A poucos metros está uma cozinha de campanha, como outras que os militares montaram pelas ruas de Moscovo para os dias de festa. Pode comer-se uma sopa, a mesma que os soldados soviéticos tinham na ementa quando avançavam sobre Berlim em 1945. Não é má: almocei esse caldo várias vezes na cantina do GARF.

Um cavalo escuro, grande, salta de entre as árvores para o passeio da alameda, imagem improvável no meio da cidade. Está uma rapariga descalça e de vestido branco na sela, outra imagem improvável.

«A égua chama-se Camélia».

### **Dia 24, 6/05**

À primeira manhã saio para o aeroporto de Domodedovo, ainda a cidade acorda para um triplo feriado longo, turbulento e festivo: manifestação da oposição contra a eleição de Vladimir Putin, dentro de algumas horas; tomada de posse, segunda-feira, de «Putin III», numa cerimónia com o fausto de uma entronização da Rússia dos czares; e comemorações, com parada militar na Praça Vermelha, do Dia da Vitória, o 8 de Maio, assinalando o fim da Segunda Guerra Mundial, ou melhor dito na linguagem de Moscovo, da Grande Guerra Patriótica em que Estaline derrotou Hitler.

É uma manhã carregada: o céu está limpo mas o ambiente é pesado. Cruzando os sucessivos anéis concêntricos que definem a planta de Moscovo, do centro para a periferia, é possível ver muitos camiões do lixo tomando posição nos acessos ao núcleo da capital. «Estão aqui pelas forças de segurança», explica o meu condutor. «É para impedir a entrada dos manifestantes que vêm de fora de Moscovo. Como não se conhece uma maneira melhor, usa-se os camiões do lixo para montar barricadas. O mundo antigo está de volta».

Doze horas depois, em Paris, recebo as últimas de Moscovo: «A Polícia partiu a esplanada do Jean Jacques, o café onde fomos ontem. Está tudo bem».

// fim///